




C A P Í T U L O 1 2

O DESLOCAMENTO E A MEMÓRIA NO ROMANCE “O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS” DE JOSÉ SARAMAGO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.02725110912>

Ana Cássia Gomes Garcia

Acadêmica do Oitavo Período de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas

Thaís dos Santos Castro

Acadêmica do Oitavo Período do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal analisar o deslocamento e a memória presente no romance “O ano da morte de Ricardo Reis” do escritor português José Saramago. Mediante a isso, a memória é o fio condutor do romance, uma vez que é visível em diversas passagens, trazendo lembranças que emanam entre as linhas da narrativa. Constantemente, o romance presenteia a memória para os que lêem, ele constrói a posição desta, de maneira autêntica perante ao mundo apresentado a Ricardo Reis, isto é, ela sobrevive nas lembranças dos locais, contexto histórico e na intertextualidade. Sendo assim, o deslocamento e a memória são um cruzamento, eles coexistem nesta ficção. Desse modo, este trabalho abrange uma análise que visa explorar a obra em seus fragmentos de deslocamento geográfico, literário e a memória, logo, de fato, as suas existências é a estrutura deste emblemático romance lusitano. A pesquisa é de cunho essencialmente bibliográfica e tem como principais referências, Andrade (2009), Gobbi (1999), Ventura (2006), Cella; Fioruci; Salomão (2013), Celestino (2016), Gomes (2004), Soares (2006) e outros. Diante disso, esse trabalho, através destas referências, artigos e livros, obteve conhecimento da parte destes, a fim de atingir os objetivos de identificar e entender, o deslocamento e a memória comparecidos nesta obra da literatura portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento. Memória. Ricardo Reis.

DISPLACEMENT AND MEMORY IN THE NOVEL “THE YEAR OF THE DEATH OF RICARDO REIS” BY JOSÉ SARAMAGO

ABSTRACT: The main goal of this article is to analyze the themes of displacement and memory in the novel *The Year of the Death of Ricardo Reis* by Portuguese writer José Saramago. Memory serves as the guiding thread of the novel, appearing in various passages and weaving recollections throughout the narrative. The novel consistently presents memory to the reader, authentically building its position within the world shown to Ricardo Reis. It survives in the memory of places, historical contexts, and intertextuality. Thus, displacement and memory are intertwined, coexisting within this work of fiction. This study aims to explore the novel's fragments of geographical and literary displacement, as well as memory, confirming that their existence is indeed the structure of this emblematic Portuguese novel. The research is primarily bibliographic, with key references including Andrade (2009), Gobbi (1999), Ventura (2006), Cella; Fioruci; Salomão (2013), Celestino (2016), Gomes (2004), Soares (2006), and others. Based on these references, articles, and books, this study gained the knowledge necessary to identify and understand the presence of displacement and memory in this work of Portuguese literature.

KEYWORDS: Displacement. Memory. Ricardo Reis.

“... A ENTRADA PARA O LABIRINTO”. (SARAMAGO, 1984, P.14)

A princípio, “*Aqui o mar acaba e a terra principia*”, esta é a frase gênese e autoexplicativa da obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, personagem principal da narrativa do escritor português, José Saramago. A narrativa inicia com a volta do personagem principal e heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, a Portugal. Ricardo Reis se hospeda no hotel Bragança, no decorrer de sua estadia indefinida, encontra-se com o espectro de Fernando Pessoa, além de se relacionar emocionalmente com duas mulheres marcantes, Lília e Marcenda. Nesse ínterim, Portugal passa pelo regime Salazarista, logo, isso permite uma história cheia de elementos históricos, sociais, políticos, e principalmente, memoráveis.

O artigo tem como objetivo analisar os deslocamentos geográficos e literários, mostrar como a escrita de Saramago expõe os acontecimentos de Lisboa através da visão de Ricardo Reis, utilizando a sátira e um modelo de escrita diferente, mistura a realidade, ficção e história. Segundo Andrade (2009, p. 292) “esse tipo de narrativa híbrida em que a relação entre a literatura e a história é problematizada é denominada por Linda Hutcheon como metaficção historiográfica”.

Diante disto, é visto a realidade e a ficção coexistindo, Saramago constrói uma narrativa em um tempo de problemas sociais e políticos, por conseguinte, proclama suas ideias analíticas a respeito do contexto vivido por Reis, uma vez que o autor viveu

a época Salazarista. Em 1932, Antônio Oliveira Salazar (1889 – 1970) foi nomeado Primeiro-Ministro de Portugal e permaneceu até 1968, ao longo disso, acumulou vários cargos e criou o Estado Novo. Sendo assim, o Estado Novo Salazarista promovia a restrição da liberdade social, censurava jornais, livros, teatros, proibia os partidos, sindicatos e greves. Em ênfase, Salazar desenvolve uma ditadura nacional baseada na antidemocratização, no antiliberalismo, corporativismo, conservadorismo e no colonialismo, além do mais, instituiu o seu partido, União Nacional, como aquele que devia ser o único, assim era contra o comunismo, partido que em 1969, José Saramago viria a se afiliar.

Em síntese, é evidente nesta obra, a memória, não apenas de fatos passados, mas também, Saramago dispõe de várias paráfrases e citações da literatura portuguesa, como, Eça de Queirós, Almeida Garrett, Luís de Camões, Fernando Pessoa, não apenas estes, mas também, ementa textos, como a Bíblia. Ao decorrer da narrativa, o autor proclama referências históricas e literárias lusitanas e estrangeiras, de certo, estas se encaixam no cenário vivido por Ricardo Reis na Lisboa do século XX. O deslocamento e a memória são o que dão vida à obra, e são estes que este trabalho visa apontar, ou melhor, ressaltar.

“... É UM LABIRINTO, UM NOVELO, UMA TEIA”. (IDEM, 2017, P.85)

Foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica que consiste em materiais já publicados como livros e artigos relacionados ao tema. Partindo disso, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* explora a autenticidade da memória de Saramago em relação a diversos contextos, sejam históricos, sociais, políticos ou literários. Sobre tudo, a memória, o deslocamento, o real e o ficcional coexistentes, pois, se faz presente na obra, o refúgio, o exílio, as lembranças e a ficção vivendo em um espaço real e os momentos históricos.

Desta maneira, “o deslocamento, que pode ser entendido como espacial – geográfico, ou temporal, ou discursivo, associa – se à noção de limite” (Gomes, 2004, p.16). O romance apresenta o deslocamento geográfico, onde na narrativa se faz presente por meio do exílio, refúgio e emigração por intermédio do protagonista, Ricardo Reis, com relação às suas viagens de Portugal para o Brasil e vice-versa.

Segundo Zilberman (2011, p.137) as datas escolhidas por José Saramago não são ocasionais, visto que o autor encaixa a partida de Ricardo do Brasil para Portugal em final de Dezembro de 1935, prosseguindo com a virada para o ano de 1936, durante o governo Salazarista. A partir disso, na concepção da autora, José Saramago, por sua vez, revisitou a história enquanto passado ou memória que incidem, especialmente, sobre as classes populares.

Sendo assim, “o escritor atua criticamente em seu próprio processo criativo, elaborando estratégias narrativas que possibilitem a sobrevivência de diferentes figuras da tradição cultural” (Fux & Moreira, 2008, p.201). Saramago cria uma história repleta de intenções memoráveis, descreve os espaços de Portugal, relembra os contextos históricos daquela época, tanto de seu país quanto do mundo. Nesse quesito, da historicidade, “os jornais são efetivamente, o meio pelo qual a História entra no romance” (Gobbi, 1999, p.05). Assim sendo, de acordo com Fux e Moreira (2008) há uma memória, composta de fragmentos e citações em que as escrituras e lembranças se emaranham, de modo que se tornam uma abundância de imagens a serem capturadas pelo escritor.

Dessa forma, “a construção de *O ano da morte de Ricardo Reis*, desde sua abertura, apresenta uso constante de intertextualidade” (Ventura, 2006, p.02). Por isso, Saramago dispõe de várias paráfrases da literatura portuguesa, como, Eça de Queirós, Almeida Garret, Alberto Caeiro, Luís de Camões, Fernando Pessoa e outros. Ainda, Soares (2006) afirma que José Saramago celebra a importância do poeta da obra *Os Lusíadas*, ao colocar a sua voz em sintonia com a de Camões, sem dúvida, esta obra camonianiana “se percebe com vastidão durante o romance” (Celestino, 2016, p. 09).

Conforme Ventura (2006) a construção de *O ano da morte de Ricardo Reis*, desde o início, apresenta o uso constante intertextual, em especial com textos da literatura portuguesa, na verdade, o escritor português desenvolve uma obra esplêndida mediante a expressão literária portuguesa. Em suma, o romance proporciona uma narrativa estruturada em deslocamentos, espaciais e literários, memórias em essência jornalística e intertextual.

“SEU SER, DURANDO NELA”. (PESSOA, 2015, P. 13)

O deslocamento geográfico se faz presente na obra, por meio da figura de Ricardo Reis que vai para o Brasil em 1919, no ano da insurreição militar, Monarquia do Norte, e em final de 1935 volta para Portugal, dezesseis anos depois, durante o governo Salazarista:

Parti para o Brasil em mil novecentos e dezanove, no ano que se restaurou a monarquia no Norte, bastava tê-lo dito num certo tom de voz, o ouvido finíssimo de um notário (Saramago, 2017, p. 133).

Quando Ricardo Reis sai de Portugal, em um ano de conflito, ele promove a si um exílio. Em 1935, o Brasil já se vive a Era Vargas, um período ditatorial, promovendo, assim, o retorno de Reis para Portugal. Desta forma, considera-se que tal ação, é uma atitude em busca de refúgio. Exílio e refúgio são características evidentes neste romance, sendo estas colocadas no destino de Ricardo Reis, o personagem, então, sofre um deslocamento geográfico.

É que em Novembro rebentou no Brasil uma revolução, muitas mortes, muita gente presa, temi que a situação viesse a piorar, estava indeciso, parto, não parto, mas depois chegou o telegrama, aí decidi-me, pronunciei-me, como disse o outro, Você, Reis, tem sina de andar a fugir das revoluções, em mil novecentos e dezanove foi para o Brasil por causa de uma que falhou, agora foge do Brasil por causa de outra que, provavelmente, falhou também (Saramago, 2017, p. 78).

Além destas coisas, a memória é um elemento muito evidenciado na obra, ela cerne em diversos aspectos e fragmentos. Com efeito, pode ser dito que o deslocamento literário vive na memória que reside nas descrições dos lugares de Portugal, nos jornais com notícias locais e globais da época, nas paráfrases de diversos autores que fazem parte da literatura lusitana ou não. Nesse sentido, os locais mostram a lembrança viva na mente do autor, e, por conseguinte, na mente do personagem:

O táxi desceu a Calçada da Estrela, virou nas Cortes, em direcção ao rio, e depois, pelo caminho já conhecido, ganhou a Baixa, subiu a Rua Augusta, e, entrando no Rossio, disse Ricardo Reis, subitamente lembrado, Pare nos Irmãos Unidos, assim o restaurante se chamava (Saramago, 2017, p.39).

Outra passagem que descreve a memória é a partir dos personagens, Saramago faz de Ricardo Reis alguém real, personifica-o fazendo uma grande novela cheia de altos e baixos em sua chegada triste e fria a Lisboa. É como se cada personagem da obra fizesse alusão à personalidade de Ricardo Reis, sendo os seus fantasmas, é tudo real. Fernando Pessoa se torna mero figurante neste romance. A começar por Lidia, que nas odes de Ricardo é uma musa de seus poemas, sua inspiração, e no romance de Saramago se resume a uma simples camareira de hotel. É esse ponto em que existe o deslocamento literário, “brincar” com essa transição de personagens:

Meu caro Reis, você, um esteta, íntimo de todas as deusas do Olimpo, a abrir os lençóis da sua cama a uma criada de hotel, a uma servçal, eu que me habituei a ouvi-lo falar a toda a hora, com admirável constância, das suas Lídias, Neeras e Cloes, e agora sai-me cativo duma criada, que grande decepção (Saramago, 2017, p.115).

Outro personagem a ser destacado é o próprio Ricardo Reis com Fernando Pessoa, o personagem principal do romance é um heterônimo de Pessoa. Saramago brinca com a movimentação de representações dentro da obra. Conforme Cella, Fioruci e Salomão “[...] a construção desse Ricardo Reis é uma intrincada rede de características tomadas de empréstimos do Ricardo Reis imaginado por Saramago” (2013, p.04-05).

Fernando Pessoa, ele era também Álvaro de Campos, e Alberto Caeiro, e Ricardo Reis, pronto, já cá faltava o erro, a desatenção, o escrever por ouvir dizer, quando muito bem sabemos, nós, que Ricardo Reis é sim este homem que está lendo o jornal com os seus próprios olhos abertos e vivos, médico, de quarenta e oito anos de idade, mais um que a idade de Fernando Pessoa quando lhe fecharam os olhos, esses sim, mortos, não deviam ser necessárias outras provas ou certificados de que não se trata da mesma pessoa. (Saramago, 201, p.32).

Outra figura de personagem que pode ser representativo é a menção de Doutor Sampaio, o qual carrega a representação das pessoas que apoiavam o governo Salazarista e as atitudes ditatoriais:

Neste cantinho da Europa, é termos um homem de alto pensamento e firme autoridade à frente do governo e do país, estas palavras disse-as o doutor Sampaio, e continuou logo, Não há comparação possível entre o Portugal que deixou ao partir para o Rio de Janeiro, e o Portugal que veio encontrar agora, bem sei que voltou há pouco tempo, mas, se tem andado por aí, a olhar com olhos de ver, é impossível que não se tenha apercebido das grandes transformações, o aumento da riqueza nacional, a disciplina, a doutrina coerente e patriótica, o respeito das outras nações pela pátria lusitana, sua gesta, sua secular história e seu império (Saramago, 2017, p.134).

Ora, a memória histórica, pode ser chamada assim, visto que a obra salienta, demasiadamente, o contexto histórico, é utilizada por Saramago ao decorrer da narrativa, pois manifesta o cenário de Portugal no regime Salazarista e do mundo com suas ditaduras e guerras. O exemplo a seguir traz uma das questões históricas retratadas:

A situação do país merece à imprensa estrangeira referências entusiásticas, cita-se a nossa política financeira como modelo, há alusões às nossas condições financeiras, de modo a colocar-nos numa posição privilegiada, por todo o país continuam as obras de fomento que empregam milhares de operários, dia a dia os jornais inserem diplomas governativos no sentido de debelar a crise que, por fenómenos mundiais, também nos atingiu, o nível económico da nação, comparadamente a outros países, é o mais animador, o nome de Portugal e dos estadistas que o governam andam citados em todo o mundo, a doutrina política estabelecida entre nós é motivo de estudo em outros países (Saramago, 2017, p139).

Em mais, o romance carrega um discurso jornalístico de uma forma que pode ser considerada apropriação cultural, pois além de haver a exposição da parte jornalística, há também, juntamente, o contexto histórico. Posto isto, os jornais são objetos desta memória, ao decorrer do romance produzem a nostalgia da época vivida por Ricardo Reis, estes trazem consigo relatos e acontecimentos referentes a Portugal e ao mundo. Observa-se nesta passagem:

[...] jornais de Lisboa, desde as notícias da primeira página, Eduardo VIII será o novo rei de Inglaterra, o ministro do Interior foi felicitado pelo historiador Costa Brochado, os lobos descem aos povoados, a ideia do Anschluss, que é, para quem não saiba, a ligação da Alemanha à Áustria, foi repudiada pela Frente Patriótica Austríaca, o governo francês pediu a demissão, as divergências entre Gil Robles e Calvo Sotelo podem pôr em perigo o bloco eleitoral das direitas espanholas, até aos anúncios, Pargil é o melhor elixir para a beca, amanhã estreia-se no Arcádia a famosa bailarina Marujita Fontan, veja os novos modelos de automóveis Studebaker, o President, o Dictator, se o anúncio do Freire Gravador era c universo, este é o resumo perfeito do mundo nos dias que vivemos, um automóvel chamado Ditador, claro sinal dos tempos e dos gostos (Saramago, 2017, p. 119-120).

Ao passo das leituras das notícias se conhece os acontecimentos daquela época, o leitor passa, a saber, os fatos junto com o personagem. Saramago não traz para a narrativa somente fatos globais, ele também, traz os locais, aqueles que marcam a memória do autor, aqueles cuja lembrança vem à mente ao escrever, e, assim, convém colocá-los na narrativa, os poucos conhecidos ou lembrados:

Quem diz como quem ouve, e dos eventos exteriores, que esses não faltam, se duvida que importem à matéria, como ter aparecido morto em Sintra um homem que em Dezembro tinha desaparecido, de seu nome Luís Uceda Urena, mistério que vai ficar indevassável nos anais do crime até hoje, quiçá até ao Dia do Juízo, se nem mesmo nessa altura falarem as testemunhas (Saramago, 2017, p.168 – 169).

De certo, encontra-se a intertextualidade no deslocamento literário deste romance, através da menção de textos e obras de diversos autores. Conforme Salomão, Cella e Fioruci (2013, p.168-169) “por meio de variados recursos estilísticos, como a intertextualidade e a metanarrativa, Saramago chama a atenção para o momento de produção textual, uma vez que o romance se configura como um constructo intertextual explícito”.

Dessa forma, a epígrafe da obra já propicia citações de Fernando Pessoa e dos seus heterônimos, Ricardo Reis e Bernardo Soares. Nisso, ao longo da obra, Saramago cita algumas odes emaranhadas de Ricardo Reis, por exemplo, este fragmento:

Tal seja, Lídia, a quadro, Não desejemos, Lídia, nesta hora, Quando, Lídia, vier o nosso outono, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira-rio, Lídia, a vida mais vil antes que a morte (SARAMAGO, 2017, p. 45).

Não apenas isso, mas também, se fazem presentes diversas passagens de outros escritores, a começar por Gregório de Matos, o escritor barroco:

E também na Divina Comédia, canto trigésimo terceiro do Inferno, chame-se pois Ugolina à mãe que come os seus próprios filhos, tão desnaturada que não se lhe movem as entranhas à piedade quando com as suas mesmas queixadas rasga a morna e macia pele dos indefesos, os truçida, fazendo-lhes estalar os ossos tenros, e os pobres cãezinhos, gementes, estão morrendo sem verem quem os devora, a mãe que os pariu, Ugolina não me mates que sou teu filho. (SARAMAGO, 2017, p.27).

Além destes, Saramago em sua obra, expõe fragmentos de trechos e versos de obras de escritores estrangeiros, que é o caso de *Hamlet*, livro do escritor inglês William Shakespeare, em que Saramago escreve: “O resto é silêncio, afinal, do resto quem se encarrega é o gênio, e se este, também outro qualquer” (SARAMAGO, 2017, p. 34). O escritor faz menção de autores renomados portugueses, como o autor realista Eça de Queirós:

Ricardo Reis pára diante da estátua de Eça de Queirós, ou Queiroz, por cabal respeito da ortografia que o dono do nome usou, aí como podem ser diferentes as maneiras de escrever, e o nome ainda é o menos, assombroso é falarem estes a mesma língua e serem, um Reis, o outro, Eça, provavelmente a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que expressem uma parte pequena do que é, quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver (SARAMAGO, 2017, p. 58).

Igualmente, também, o autor menciona a mitologia grega, traz para a narrativa, elementos mitológicos, como os personagens mitológicos de Homero, Aquiles e Páris, além de, Hefesto, deus do fogo, dos vulcões e ferreiros:

Que vale, ao pé disto, o trabalho do divino ferreira Hefestos, que nem ao menos se lembrou, tendo cinzelado e repuxado no escudo de Aquiles o universo inteiro, não se lembrou de guardar um pequeno espaço, mínimo, para desenhar o calcanhar do guerreiro ilustre, cravando nele o vibrante dardo de Páris, até os deuses se olvidam da morte, não admira, se são imortais, ou terá sido caridade deste, nuvem que lançou sobre os olhos perecíveis dos homens, a quem basta não saberem onde nem como nem quando para serem felizes, porém mais rigoroso deus e gravador é Freire, que aponta o fim e o lugar onde (SARAMAGO, 2017, p. 85).

Assim sendo, José Saramago cria um mundo voltado à supremacia da narrativa ficcional e abusa dos diversos caminhos que um escritor pode se apossar para a construção de um mundo literário. Em vista disso, sua obra não é uma mera criação perante aos que lêem, pois, impregna uma multiplicidade de elementos que o escritor busca para construir sua narração, isto é, estéticas, contextos históricos, intertextualidade e até inclusive, críticas sociais. Diante disso, o Saramaguismo **não é apenas só uma arte literária**, como também, um engajamento literário diante dos seus lusitanos e ao mundo, uma vez que José Saramago é um exemplar de paradigmas originais da nação portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano da morte de Ricardo Reis traz consigo uma obra recheada de movimentações e representações feitas principalmente pelos personagens e todo o contexto histórico em que se passa o romance, brincando com o retorno ao passado e o presente. Além de ser um romance em parte fictício, as informações e acontecimentos que o personagem principal desvela são reais, como o governo salazarista, ditadura, guerras e movimentações contra o governo e os jornais foram o principal veículo de comunicação entre o personagem e o leitor.

A obra de Saramago traz em seu enredo a memória e a história, o deslocamento literário e geográfico por meio de personagens emblemáticos, faz de Ricardo Reis o autor principal da narrativa, mesmo sendo apenas um heterônimo. Faz de Fernando Pessoa um personagem coadjuvante e sem muita importância, mesmo sendo ele o criador de Ricardo Reis. Desse modo, o artigo buscou mostrar toda a análise referente ao cruzamento da memória e história, o deslocamento que Saramago usa para transmitir acontecimentos da época e expor a importância do livro trazendo toda a história de Portugal no ano de 1936. Enfim, o livro acaba se tornando um pequeno diário de Lisboa sob a visão de Ricardo Reis. Diante do exposto, o artigo procura analisar o deslocamento que os personagens sofrem ao decorrer da narrativa, a memória presente, as movimentações geográficas e literárias.

Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera

José Saramago

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cátia Inês Negrão Berli de. **Releituras da História em o Ano da Morte de Ricardo Reis de José Saramago e Sostiene Pereira, de Antonio Tabucchi**. Revista Literatura, História e Memória – Literatura e Cultura na América Latina, Vol.5 - nº5, 2009.

CELESTINO, B.M. **O Ano da Morte de Ricardo Reis, Um espetáculo Autorreflexivo**. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade – Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade). – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

FUX, Jacques; MOREIRA, Maria Elisa. **Fronteiras, deslocamentos, fluxos: quando a ficção questiona o estatuto da ficção**. Remate de males, v.28, n.2, p.197 – 2010, 2008.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **O ano da morte de Ricardo Reis: uma ressalva para a história e para a ficção**. Revista do Centro de Estudos Portugueses, v.19, n.24, p.105 – 128, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. **De Ítalo Calvino a Ricardo Piglia, do centro para a margem: o deslocamento como proposta para a literatura deste milênio**. Alea, Vol.6, n1, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Ricardo Reis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2015.

SALOMÃO, Jociane Maurina; CELLA, Thiana Nunes; FIORUCI, Wellington Ricardo. **Memória e Ficção em O Ano da Morte de Ricardo Reis**. IV Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares, 2013.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Caminho, 1985.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 3ª ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2017.

SOARES, Maria Luísa de Castro. **A reinvenção D'Os Lusíadas em Memorial de José Saramago**. Humanitas, v.58, p.509 – 524, 2006.

VENTURA, Susana Ramos. **A intertextualidade como elemento de base construtiva em O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago**. Nau Literária, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **O Ano da Morte de Ricardo Reis – História e não – História**. IPOTESI, Juiz de Fora, v.15, n. 129 – 141, jan/jul. 2011.